

Análise da Estrutura das partes de *Claro Enigma* (Drummond) e *Mensagem* (Fernando Pessoa)

Por: Prof. Dr. Jayro Luna

1. Introdução

Publicado em 1951, *Claro Enigma* marca uma fase da poesia de Carlos Drummond marcada por um transcendentalismo de característica místico-esotérica. Desdobramento dos ventos espiritualistas que marcaram a produção poética do pós-guerra. Nesse desdobramento o pessimismo e o sentimento apocalíptico em relação aos destinos da civilização - marca da fase espiritualista - são transformados num amálgama de característica histórico-profética com fortes nuances da literatura portuguesa. Como observa Massaud Moisés:

“O poeta volta-se para os seus mitos, dá razão ao inato transcendentalismo, colocando-se a par dos grandes poetas do Idioma. Não mais a lírica admiração do próprio ego, mas o descortino dos arquétipos. Timbre de vate épico, da estirpe de Camões e Fernando Pessoa. “A Máquina do Mundo” o enuncia claramente, no seu ar de paródia a *Os Lusíadas*, revisitados por uma imaginação congenial à do autor da “Ode Marítima”.

(MOISÉS: 1989, p. 347)

No aspecto formal *Claro Enigma* revela uma preocupação nunca antes demonstrada pelo poeta acerca dos aspectos versificatórios do poema com relação ao aproveitamento de ritmos e métricas de caráter clássico e parnasiano. Como comenta Francisco Achcar (1993, p.54) houve quem visse nisso um retrocesso na prática modernista do poeta. Outros encontraram ali motivos para falar em amadurecimento de sua poesia. O fato é que, como observa

Affonso Romano de Sant'Anna, o livro demonstrava um apuro formal até não visto na poesia drummondiana:

“A partir de *Claro Enigma*, significativamente o início da exploração mais sistemática da memória, há um aumento de jogo de palavras, trocadilhos, antíteses, ecos, paradoxos, enfim toda uma parafernália de ‘agudeza y ingenio’, que mereceria detalhada descrição. Encarando a vida como um exercício-pesquisa-procura, como nos poemas ‘Inquérito’(...). ‘Procura’(...) e ‘Relógio do Rosário’(...) revela essa consciência lúdica/lúcida de quem sabe que ‘nem existir é mais do quem exercício/ de pesquisar da vida um vago indício’”.

(SANT'ANNA: 1972, p. 211)

Ainda acerca da citação de Affonso Romano de Sant'Anna, destaca-se a importância da memória que se apresenta tanto como constituinte histórico, a memória como patrimônio histórico das cidades mineiras e, por outro lado, a memória drummondiana acerca das cidades de Minas.

Mas o aspecto da divisão do livro de Drummond em uma seqüência de partes e subpartes não tem merecido maiores comentários dos estudiosos do que a de se referir, de forma genérica, como mais um índice desse apuro formal.

Pois, um aspecto que me parece relevante é o fato de citar Fernando Pessoa e Camões e de se tratar de um livro que evoca a questão da memória de um forma transcendentalista. Não podemos aqui, deixar de lembrar de *Mensagem* de Fernando Pessoa.

Como já observou Carlos Felipe Moisés:

“Seu plano geral [*Mensagem*], isto é, sua complexa estruturação em partes, que se subdividem em seções,

que contêm os poemas, foi imposto pelo poeta a um conjunto de composições preexistentes, às quais esse plano levou a acrescentar outros poemas, então especialmente escritos para esse fim. Esse lento e laborioso processo de criação reflete as oscilações, as dúvidas e perplexidades do poeta em relação à alma portuguesa, complexa e heterogênea como a estrutura da obra.”

(MOISÉS: 1996, p. 39-40)

Um dos aspectos também abordado acerca da complexidade estrutural de *Mensagem* se refere ao episódio da troca de nome da obra. Sabemos que em carta a João Gaspar Simões, de 1932, Pessoa faz referência ao conjunto de poemas que formará o livro *Mensagem*, mas trata-o pelo título de “Portugal”. Já se observou a rigorosa simetria de número de vogais (V) e consoantes (C), bem como a posição delas nas duas palavras:

M E N S A G E M
P O R T U G A L
C V C C V C V C

Pois, partindo de uma intuição observamos que Claro Enigma tão ligado que é a questão histórica e da memória de Minas Gerais, tem com o nome do estado um interessante simetria:

C L A R O E N I G M A
M I N A S G E R A I S

Notemos que além de ter o mesmo número de letras as duas palavras dos dois nomes (Claro e Minas: 5; Enigma e Gerais: 6), ainda existe uma igualdade no número de vogais e consoantes de cada palavra e que excetuando-se a letra inicial

dos dois nomes próprios, existe sempre uma inversão entre a posição da consoante e da vogal entre os nomes. É fato que estatisticamente pode-se justificar essa semelhança dentro das possibilidades das coincidências, mas o fato é que a análise da estrutura das partes das duas obras permite uma leitura menos estatística e mais interpretativa das possibilidades de leitura comparativa e intertextual entre elas.

2. As semelhanças entre as estruturas das partes de *Mensagem* e *Claro Enigma*

Mensagem é um livro constituído de 44 poemas divididos em 3 partes. A primeira (Brasão) se compõe de 5 subpartes, num total de 17 poemas. É sabida a relação entre essa parte de *Mensagem* e a forma do brasão de Portugal (campos, castelos, quinas, coroa e timbre). A segunda parte (Mar Português) é constituída de 12 poemas. O astrólogo português Paulo Cardoso já fez estudos comparando essas doze partes aos signos do zodíaco¹.

A terceira parte (O Encoberto) tem três subpartes, num total de 13 poemas.

Por sua vez, *Claro Enigma* se compõe de 6 partes, num total de 47 poemas. Não tem subpartes, mas tem poemas com subdivisões numeradas com significação própria: “Contemplanção do Banco” (3 partes); “Estampas de Vila Rica” (5 partes, inclusive com nomes para cada uma das partes) e “Os Bens e o Sangue” (com 8 partes).

Quando comparamos essas duas estruturas alguns elementos comparativos começam a se destacar. Por exemplo, o total de poemas da primeira parte de cada um dos livros, de

¹ CARDOSO, Paulo. *Mar Portugal: a mensagem astrológica de Mensagem*. Lisboa, Estampa, 1990. Outra obra de Paulo Cardoso, que complementa seu estudo é: *Mar Portugal e a simbólica da Torre de Belém*. Lisboa, Estampa, 1990.

fato, “Brasão”(Mensagem) e “Entre o Lobo e o Cão”(Claro Enigma) totalizam 17 poemas cada. E se o “Brasão” se liga à heráldica portuguesa, inclusive na construção de suas subpartes, haveria alguma analogia organizadora da primeira parte de *Claro Enigma*?

O primeiro poema, “Dissolução”, nos dá um caminho de leitura: “Escurece, e não me seduz / tatear sequer uma lâmpada / Pois que aprouve ao dia findar, / aceito a noite. // E come ela aceito que brote uma ordem der seres / e coisas não figuradas.” Podemos ver aí uma referência às constelações do céu? Mas quais constelações? O título dessa parte já contém as pistas, pois “Lobo” e “Cão” são nomes de duas constelações características do hemisfério sul. E o que temos entre essas duas constelações. Partindo do Cão Maior até chegar à constelação de Lobo passamos pelas constelações que são referidas no globo azul da bandeira do Brasil, podemos encontrar ao lado de “Lobo” as constelações de “Escorpião”, “Triângulo Austral” e um pouco mais adiante o “Cruzeiro do Sul” e seguindo na direção de “Cão Maior” passamos pela longelínea “Hydra”. “Carina” ao lado do “Cruzeiro do Sul” e da “Vela”, mais ao centro do céu, “Octante”; “Virgem” ao lado da “Hydra” e por fim “Cão Menor” pouco adiante do “Cão Menor”, tendo entre eles “Monoceros” compõem esta parte do céu em que se circunscvem as constelações que formam a bandeira do Brasil. Outro dado numérico coincidente, é que as constelações referidas representavam á época da escrita do poema 17 estados, se considerarmos que “Escorpião” está um pouco além de “Lobo” e que o “Distrito Federal” (Brasília) ainda não existia, e que o Pará é representado por uma estrela da constelação de “Virgem”. Ou seja, entre o “Lobo” e o “Cão” tínhamos exatamente 17 estrelas representando 17 estados.

Em “Ingaia Ciência” o tema celeste parece tão presente quanto em “Dissolução”: “A Madureza esta terrível prenda /

que alguém nos dá, raptando-nos com ela, / todo sabor gratuito de oferenda / sob a glacialidade de uma Estela, // a madureza vê, posto que a venda / interrompa a surpresa, onde se estenda, / e que o mundo converte numa cela.” Também em “Os animais do Presépio” temos essa referência (“Salve, reino animal: / todo o peso celeste / suportas no teu ermo.”) A grande maioria das constelações recebem nomes de animais reais ou mitológicos.

Em “Opaco” o poeta parece querer nos falar de sua necessidade de interpretar a carta celeste: “Noite. Certo / muitos são os astros. / Mas o edifício / barra-me a vista. // Quis interpretá-lo, / Valeu? Hoje / barra-me (há luar) a vista. // Nada escrito no céu, / sei / Mas queria vê-lo, / O edifício barra-me / a vista”.

O poema “Contemplação” desta primeira secção de poemas de *Claro Enigma*, está dividido em três partes (numerados em algarismos romanos), em *Mensagem*, de Fernando Pessoa, há duas secções de três poemas (“Avisos” na parte III-O Encoberto e “O Timbre” na parte I - Brasão). Nesse poema, a primeira parte elege o coração e a flor como elementos simbólicos (“O Coração pulverizado range”, “quem sabe a flor que aí se elabora, calcária, sangüínea?”). No primeiro poema de “Avisos” também o coração é o símbolo evocado metaforicamente: “Este, cujo coração foi / Não portuguez mas Portugal.” A forma etérea e vaga que se consubstancia num homem ou no discurso de um homem parece estar presente no segundo poema de “Contemplação do Banco” (“Ele é seu próprio irmão, no dia vasto, / Na vasta integração das formas puras”) e no segundo de “Avisos” (“Segundo/Antonio Vieira”: “No imenso espaço seu de meditar, / Constellado de fórmula e de visão”). No terceiro poema de “Contemplação do Banco” o ato de escrever e a leitura parecem realizar a presentificação de uma vaga visão que se aproxima ou se distancia: “Dissolvendo a cortina de

palavras” e “Triste é não ter um verso maior que os literários”. No terceiro poema de “Avisos” também a escrita dos versos é evocada (“Terceiro”: “Screvo meu livro à beira-magua”), em ambos os poemas o vago que se apresenta visível, o ausente que se evoca parecem ser determinantes do tema. Se a palavra “Contemplação” é significativa já no título do poema de Drummond e na parte I desse poema: “Ah, não viver para contemplá-la!” Nos três poemas de “Avisos” temos os verbos “Sonhar” (“Primeiro / O Bandarra”), “meditar” (“Segundo / Antonio Vieira”) e “pensar” (“Terceiro”). Diante dessas comparações, a releitura de “Contemplação no Banco” parece evocar uma espécie de correlação entre um homem que surge de suas palavras, de seus sentimentos escritos, que é assim que se resume sua existência, um homem que só existe na própria obra, como não lembrar dos heterônimos de Fernando Pessoa e também no mito sebastianista: “e vejo-te incorpóreo, / contudo nítido, sobre o mar oceano”.

O poema “Estampas de Vila Rica” da parte “Selo de Minas” tem cinco subdivisões, numeradas em algarismos romanos e tituladas: I.Carmo; II.São Francisco de Assis; III.Mercês de Lima; IV.Hotel Toffolo e V.Museu da Inconfidência. Em *Mensagem* existem três secções com cinco poemas: “As Quinas” (de “Brasão”), “Os Símbolos” e “Os Tempos” (secções I e III de “O Encoberto”). Nas três secções de *Mensagem* temos o domínio do elemento histórico. Em “As Quinas” a referência constante é sobre a formação de Portugal, nas outras duas secções, o tema dominante são as navegações e o mito do quinto império sebastianista.Em “Estampas de Vila Rica” o aspecto histórico é determinante nos cinco poemas. A cidade de Ouro Preto surge como um monumento histórico, de um passado barroco (“Daí-me senhor, só a beleza destes ornatos” - “II/São Francisco de Assis”) que deixou marcas em todo lugar, nas igrejas, nas ruas, no hotel. Conclui o poeta: “Toda história é remorso”. Desse modo, temos uma oposição

do sentido histórico em Drummond e Fernando Pessoa com relação a essas partes de seus livros de poemas. Em Fernando Pessoa, a história tem uma conotação messiânica, profética, em que os fatos parecem justificar ou fazer crer na função do mito. As navegações portuguesas, a glória de Portugal que irá ressurgir num futuro com a volta do “desejado”, com a revelação do “encoberto”, porém, tal retorno se fará não mais num sentido histórico, mas messiânico, de caráter espiritual. Assim a esperança e a fé são os sentimentos característicos desses poemas, já em Drummond, os monumentos históricos registram um passado de dor e sofrimento que se presentifica num presente com cores de abandono (“Pequena prostitua em frente a Mercês de Cima. / Dádiva de corpo na tarde cristã. / Anjos saídos da portada / e nenhum Aleijadinho para recolhê-los” - “III/Mercês de Cima”), por isso o sentimento de remorso em relação à História.

Observemos que estamos considerando as cinco subdivisões de “Estampas de Vila Rica” como poemas independentes que alteram a soma total dos poemas do livro, assim como em “Contemplação do Banco”. Por outro lado, a parte “Selo de Minas” tem cinco subdivisões, e o tema histórico permanece o dominante, agora não mais restrito à Ouro Preto, mas a Mariana, Itabira, etc.

Em *Claro Enigma*, a parte “II/Notícias Amorosas” é constituída de sete poemas. Em *Mensagem*, “Castellos” é formada por 8 poemas, no entanto, numerados de 1 a 7. Comparando essas duas partes de poemas, creio que temos o sentido da grande transformação entre *Mensagem* e *Claro Enigma*. Em Fernando Pessoa, a história é determinada por um sentido profético, messiânico (“Todo o começo é involuntário. / Deus é o agente. / O heroe a si assiste, vario / E inconsciente” - “Terceiro / O Conde D.Henrique”). Portugal germina de um herói mítico (“Ulysses”), tem um passado guardado na memória inconsciente (“Viriato”: “Se a alma que sente e faz

conhece / Só porque lembra o que esqueceu, / Vivemos, raça,
porque houvesse / Memória em nós do instinto teu”)

O amor humano configura-se em Pessoa como resultado dessa força inconsciente, assim o pai (“D. Affonso Henriques”: “Pae, foste cavalheiro”) e a mãe (“D. Tareja”: “Teu seio augusto amamentou / Com bruta e natural certeza / O que, imprevisto. Deus fadou.”) amam-se e têm filhos em razão do profetizado, do que por Deus é determinado, para que se cumpra a história determinada de Portugal. O rei poeta faz um “Cantar de Amigo”, mas o que define seu cantar não é o amor, mas um sentimento subjetivo e lírico que vem da Natureza, que prefigura a imensidão do mar (“Sexto / D. Diniz”). Em “Séptimo (I) / D. João, o Primeiro” se lê: “O Homem e a hora são um só / Quando Deus faz e a história é feita. / O mais é carne, cujo pó / A terra espreita”). Em “Séptimo (II) / D. Philippa de Lencastre”, o amor materno é a garantia da realização do sentido messiânico da história de Portugal: “Que enigma havia em teu seio / Que só gênios concebia? / Que archanjo teus sonhos veio / Vellar, maternos, um dia?”

Em Carlos Drummond de Andrade, a história não é determinada por um sentido profético ou messiânico, mas pelo amor, pelo poder do amor. O sentimento de amor pode modificar a história, recuperar o remorso histórico que a memória nos traz: “Que pode uma criatura senão, / entre criaturas, amar? / amar e esquecer, / amar e malamar / amar, desamar, amar?”. A única coisa determinada é que temos que amar: “Este o nosso destino: amar sem conta”. (“Amar”). Em “Entre o ser e as coisas” o mar e o amor são fundidos numa metáfora: “Onda e amor, onde amor, ando indagando”, “N’água e na pedra amor deixa gravados / seus hieróglifos e mensagens, suas / verdades mais secretas e mais nuas.”

O amor ressurge constantemente como força instintiva, inconsciente, que nossa memória histórica não alcança entender, que parece existir um esquecimento dessa força

devido a essa dificuldade de compreensão da força primitiva do amor: “Como esses primitivos que carregam por toda parte o maxilar inferior de seus mortos” (“Tarde de Maio”). A força inconsciente, instintiva se faz presente a todo momento, fugindo no entanto ao entendimento lógico, racional: “E calcamos em nós, sob o profundo / instinto de existir, outra mais pura / vontade de anular a criatura.” (“Fraga e Sombra”).

Se D. Diniz fez seu cantar de amigo, Drummond faz sua “Canção Para Álbum de Moça”. Em “Rapto” se confirma essa inconsciência constante da força do amor: “baixemos nossos olhos ao desígnio / da natureza ambígua e reticente: / ela tece, dobrando-lhe o amargor, / outra forma de amar no acerbo amor.”

Por fim, em “Campo de Flores” o reconhecimento do sentimento de amor é que garante o entendimento do sentido da História e dos mitos: “Pois que tenho um amor, volto aos mitos pretéritos / e outros acrescento ao que amor já criou. / Eis que eu mesmo me torno o mito mais radioso / e talhado em penumbra sou e não sou, mas sou.” Se Portugal tem seus campos representados pelos castelos e pelas quinas, o que configura quase toda a primeira parte de *Mensagem*, e os aspectos míticos e históricos se fundem num amálgama profético, em *Claro Enigma*, os campos são o da Natureza, das flores, da tarde maio, o vôo da ave em “Rapto”, o amor que se concretiza nesse cenário bucólico é, enfim, a força que pode subverter o determinismo histórico: “Por fora do tempo arrasto meus despojos / e estou vivo na luz que baixa e me confunde”.

Mensagem inicia-se com uma secção de “Brasão” que só contem dois poemas: “Campos” (“O dos Castellos” e “O das Quinas”). Esse dois “campos” constituem a parte do escudo do “Brasão”. A seguir vêm os 7(8) poemas de “Castellos” e os 5 poemas de “Quinas”. *Claro Enigma* se encerra com uma parte de dois poemas: “A Máquina do Mundo” (“Máquina do Mundo” e “Relógio do Rosário”). No poema a “Máquina do

Mundo”, em que se costuma ver uma relação com o episódio da épica camoniana em que Tétis mostra a Vasco os segredos do tempo e do espaço. Aqui, também vemos o fechamento da metáfora celeste que para nós se apresenta na primeira parte do livro. O poeta vê no céu a concretização da máquina do mundo: “...vinda dos montes / e de meu próprio se desenganado / a máquina do mundo se entreabriu” ou “olha, repara, ausculta: essa riqueza / sobrance a toda pérola, essa ciência / sublime e formidável, mas hermética”. A contemplação do céu é o caminho para se desvendar a máquina do mundo: “se revelou ante a pesquisa ardente / em que te consumiste... vê, contempla, / abre teu peito para agasalhá-lo”.

Se “A Máquina do Mundo” é o entendimento astrológico/astronômico do céu, o poema “Relógio do Rosário” nos apresenta a transformação da dor resultante da história, da memória que se realiza no presente no som do sino: “convertendo-se, turva e minuciosa, / em mil pequena dor, qual mais raivosa” em dor da existência: “dor do espaço e do caos e das esferas, / do tempo que há de vir, das velhas eras!” Mas o amor é a força vital que pode superar essa dor: “Não é pois todo amor alvo divino / e mais aguda seta que o destino? // Não é o motor de tudo e nossa única / fonte de luz, na luz de sua túnica?”. Assim a verdadeira máquina do mundo é o amor, ao passo que a outra, o céu é apenas um modo de ler a máquina do amor.

Anexos

1. Estrutura de *Mensagem*, Fernando Pessoa.

Mensagem

| Partes | seções | poemas |
|---|-------------------|-------------------------------|
| I Brasão | campos | 1.castelos |
| | | 2.o das quinas |
| | Castelos | 1.Ulisses |
| | | 2.Viriato |
| | | 3.Conde d.Henrique |
| | | 4.D. Tareja |
| | | 5.D.Afonso Henrique |
| | | 6. D. Dinis |
| | | 7. (I) D. João |
| | 7. (II) D. Filipa | |
| | Quinas | 1. D. Duarte |
| | | 2. D. Fernando |
| | | 3. D. Pedro |
| | | 4. D. João |
| | | 5. D. Sebastião |
| | A Coroa | 1.Nun'Alvares Pereira |
| | Timbre | 1. A cabeça do grifo: infante |
| 2. Uma asa do grifo: D. João II | | |
| 3. A outra asa do grifo: Afonso de Alb. | | |
| II Mar Port. | | 1. Infante |
| | | 2.Horizonte |
| | | 3.Padrão |
| | | 4.O Mostrengo |
| | | 5.Epitáfio de B.Dias |
| | | 6.Os Colombos |
| | | 7.Ocidente |
| | | 8.Fernão de Mag. |
| | | 9.Ascensão de VG |
| | | 10.Mar português |
| | | 11.A última nau |
| | | 12. Prece |
| III | símbolos | 1.D.Sebastião |

| | | |
|--------|--------|-----------------------|
| Encob. | | 2.Quinto Império |
| | | 3.Desejado |
| | | 4.Ilhas Afortunadas |
| | | 5.Encoberto |
| | | |
| | avisos | 1.O Bandarra |
| | | 2.A.Vieira |
| | | 3.Terceiro (F.Pessoa) |
| | Tempos | 1.Noite |
| | | 2.Tormenta |
| | | 3.Calma |
| | | 4.Antemanhã |
| | | 5.Nevoeiro |

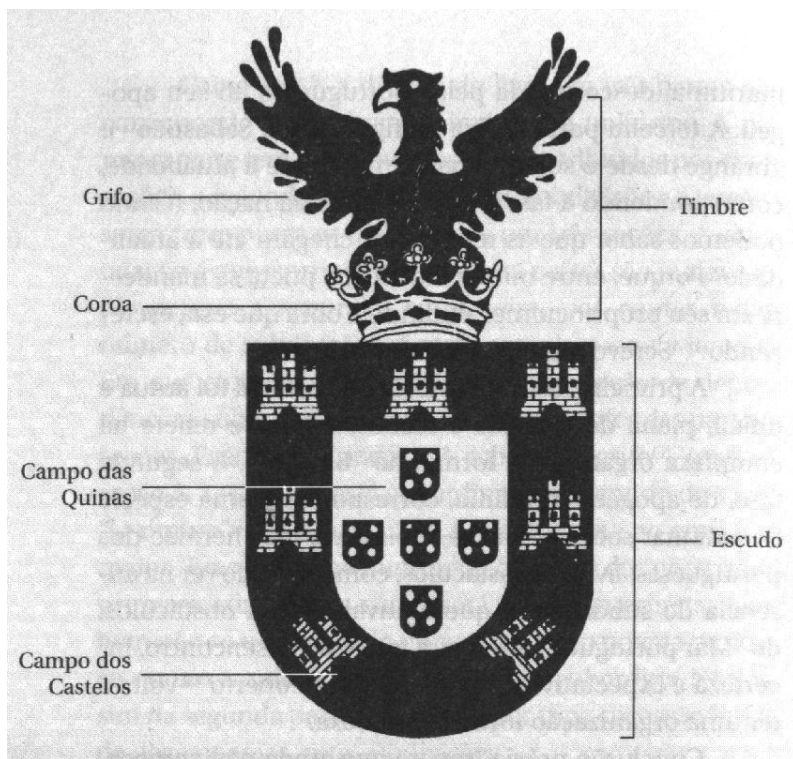
2. Estrutura de *Claro Enigma*, Carlos Drummond de Andrade.

Claro Enigma

| partes | poemas | secções |
|--------------------------------|-------------------------------------|---------|
| I Entre Lobo e Cão | 1.Dissolução | |
| | 2.Remissão | |
| | 3.A Ingaia Ciência | |
| | 4.Legado | |
| | 5.Confissão | |
| | 6.Perguntas em forma de Cav.marinho | |
| | 7.Os animais do presépio | |
| | 8.Sonetinho do falso F.Pessoa | |
| | 9.Um Boi Vê os Homens | |
| | 10.Memória | |
| | 11.A tela contemplada | |
| | 12.Ser | |
| | 13.Contemplação no banco | |
| | II | |
| | III | |
| | 14.Sonho de um sonho | |
| | 15.cantiga de enganar | |
| | 16.Opaco | |
| | 17.Aspiração | |
| II | 1.Amar | |

| | | |
|---------------------------|----------------------------------|-----------------------------------|
| Notícias Amor. | 2. Entre o ser e as coisas | |
| | 3. tarde maio | |
| | 4. fraga e sombra | |
| | 5. canção para album de moça | |
| | 6. Rapto | |
| | 7. campo de flores | |
| | III Menino e os homens | 1. A um varão que acaba de nascer |
| 2. O Chamado | | |
| 3. Quintana'a bar | | |
| 4. Aniversário | | |
| IV Selo de Minas | 1. Evocação Mariana | |
| | 2. Estampas em Vila Rica | I. carmo |
| | | II. S.Fco de Assis |
| | | II. mercês de lima |
| | | IV. Hotel Toffolo |
| | | V. Museu da inconfidência |
| | 3. Morte das casas de Ouro Preto | |
| | 4. canto negro | |
| 5. os bens e o sangue | | |
| | | (8 partes) |
| V lábios cerrados | 1. Convívio | |
| | 2. Permanência | |
| | 3. Perguntas | |
| | 4. carta | |
| | 5. Encontro | |
| | 6. A Mesa | |
| VI M.do Mundo | 1. A Máquina do Mundo | |
| | 2. Relógio do Rosário | |

3. O Brasão de Portugal e a Primeira Parte de *Mensagem*.



4. *Claro Enigma* (“I/Entre Lobo e Cão”) e as constelações da abóbada da Bandeira do Brasil

As Estrelas e Constelações da Bandeira do Brasil:



O Céu visto da Serra da Piedade - Caeté - MG - com as estrelas da Bandeira do Brasil:

